

DESEJO E BEATITUDE EM SPINOZA

WELLINGTON LIMA AMORIM *

SÉRGIO RICARDO GACKI **

INTRODUÇÃO

Este artigo tem a pretensão de analisar os conceitos de desejo e beatitude em Spinoza. Em um primeiro momento é necessário nos depararmos com vários pensadores que nos ajudam a compreender a Filosofia de Spinoza. É desta maneira que nos deparamos com a diferenciação de transcendentalidade e transcendente e que nos ajudará a entender a problemática que envolve o conceito de imanência. Por isso, em um momento posterior será possível analisar essas diferenças e semelhanças entre os transcendentais, que são conjuntos de atributos que co-participam em diferentes graus e hierarquizações e o conceito de transcendência, e analisar a possibilidade de dar uma nova interpretação aos atributos de beleza, bondade e verdade, que na escolástica foram compreendidos como vindos de um Deus único, um ato puro. Por fim, concluiremos este artigo analisando o conceito de *Conatus* em Spinoza, que nesta análise pode significar aquilo que se expande e que constrói a individualidade através de uma posição ativa diante do real movida pelo desejo, contendo em si uma força para se autopreservar realizando por assim dizer uma ação, atingindo a beatitude.

1. A FILOSOFIA DE SPINOZA

Quando se aprofunda nas pesquisas de Hegel e Schelling descobre-se que estes dois pensadores elaboraram o primeiro projeto de sistema sob a total influência de Fichte e quando se busca o denominador comum entre esses

mestres se despontam também Kant e Spinoza¹. Para compreender o pensamento hegeliano e o fato da contingência ser suprimida em Hegel, é preciso levar em consideração dois aspectos: a) o sujeito livre de Kant; b) o conceito de substância de Spinoza. A conciliação de ambos constitui o projeto de Filosofia de Hegel, como ele o expressa no Prefácio da Fenomenologia do Espírito: “*Em minha opinião, que só pode ser justificada pelo sistema, o ponto central consiste em pensar e expressar a verdade não só como Substância, mas também como sujeito*”². Assim descobrimos a importância de Spinoza para a História da Filosofia, em especial para a filosofia hegeliana.

Para iniciar a analisar o pensamento spinozista é necessário compreender no que consiste o conceito de Substância para Spinoza. Para este, tudo é governado por uma necessidade lógica absoluta. A ordem da natureza é geométrica. Nada há que ocorra por acaso no mundo físico. Tudo o que acontece é uma manifestação da natureza imutável de Deus. Conforme esse pensamento, a ideia de substância é a de um Ser que se identifica inteiramente com a natureza e com Deus, *Deus sive natura*. As coisas acontecem sempre mecanicamente. O mecanismo é a razão que movimenta e organiza o mundo, que é a natureza. Essa natureza é divina. “*Da necessidade da natureza divina podem resultar coisas infinitas em número infinito de modos, isto é, tudo o que pode cair sob um intelecto divino*”³.

¹ SPINOZA, Baruch. **Oeuvres complètes**. (Trad. diversos). Paris: Gallimard, 1954.

² HEGEL, vol. 3, *PhG*. p. 22-23: “*Es kommt nach meiner Einsicht, welche sich nur durch die Darstellung des Systems selbst rechtfertigen muss, alles darauf an, das Wahre nicht als Substanz, sondern ebenso sehr als Subjekt aufzufassen und darzustellen*”.

³ ESPINOSA, Baruch. *Ibidem*, Ética. Prop. XVI. (cf. tradução em **Os Pensadores**. (Org. M. CHAUÍ, trad. diversos). São Paulo: Abril Cultural, 1983. (p. 92).

* Doutor em Ciências Humanas pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA.

** Doutor em Educação e Professor do Complexo Superior de Ensino de Cachoeirinha do Rio Grande do Sul.

Segundo o filósofo, a substância divina existe necessariamente. Cada coisa que existe é um modo, uma manifestação da substância divina. *'Natura naturans'* é a própria substância, Deus em sua essência infinita; *'Natura naturata'* são os modos e as manifestações da essência divina: o mundo. A natureza naturante, isto é, Deus, prolonga-se na matéria como modo de manifestação de Deus; este basta a si mesmo no processo de automanifestação contínua como Natureza Criadora de si mesma. Já que toda a natureza decorre necessariamente da essência de Deus, não existem imperfeições nela. Assim, na natureza, o poder pelo qual as coisas existem e atuam não é outro senão o poder eterno de Deus. Existir, ser e agir são a mesma coisa, e tudo o que existe é necessário. Não há contingência no universo. *"Na natureza nada existe de contingente; antes, tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e a agir de modo certo"*⁴.

Para Spinoza, tudo o que existe depende da substância divina; sem ela nada pode ser concebido. Entretanto a natureza produz, desdobra-se e atua de diferentes modos. Assim, segundo o conceito de substância na natureza, tudo é bom, pois Deus é bom. No entanto, o que se vê no mundo concreto não é o necessário, mas o contingente. Mesmo esse ser contingente, porém, pertence à substância única, uma vez que nada é estranho à Natureza divina, tudo está previsto no poder da substância criadora.

Esse modo de pensar conduz à visão de natureza que é apenas um sistema de causas mecânicas. A multiplicidade dos modos (de Deus) não é contrária à unidade, pois é subsumida no ser e no agir pela ordem unitária de Deus. Por outro lado, as emoções não estão separadas da natureza, são naturais e, conseqüentemente, sujeitas às leis da natureza. A natureza (Deus ou substância) age em virtude da necessidade pela qual existe. Não há fins na natureza que lhe sejam externos, apenas a necessidade intrínseca.

Para que o homem se compreenda e entenda os fatos e as situações em que se envolve, é necessário relacionar os acontecimentos com a ideia de substância divina, que é Deus, já que

tudo é parte deste Deus. Desse modo, para manter o equilíbrio, o homem deve obedecer a essa ordem necessária. Entretanto, o homem é apenas uma parte da natureza, e esta, evidentemente, não está restrita às necessidades humanas, mas há infinitas outras leis que se estendem à totalidade da natureza. O homem não é causa necessária de sua existência; logo, pode sofrer mudanças exteriores em sua natureza. A natureza é pensante, e esse *pensar* é a própria essência de Deus. Os atributos de Deus se fundamentam na unidade. A natureza é uma; qualquer coisa, qualquer atributo de Deus resulta necessariamente de sua natureza absoluta. Assim, qualquer que seja a concepção de natureza, seja como extensão ou pensamento, sempre se encontra uma só ordem, uma única união de causas, uma só realidade: essa realidade é o mesmo que Deus.

Conforme Espinosa, Deus é a própria natureza, esta é perfeitíssima e boa, porque o poder da natureza é o próprio poder de Deus; o direito natural é o poder que Deus exerce sobre todas as coisas. É somente pela liberdade absoluta desse poder que todo ser da natureza tem a capacidade de existir e de agir. Deus, entretanto, não é criador, pois isso faria supor um limite ao seu ser. Ele é a manifestação necessária da essência. É sua própria causa a substância essencial, absoluta, única, infinita, a partir da qual tudo está determinado, tanto em sua essência quanto em sua existência. Ou seja, Deus se manifesta no existente, na totalidade da natureza, e esta manifesta a totalidade da existência e a potência de Deus como causa eficiente e imanente. A existência do mundo é a manifestação eterna, infinita e absoluta da essência de Deus: *"A Natureza inteira é um só indivíduo cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo na sua totalidade"*⁵.

2. SOBRE A IMANÊNCIA EM SPINOZA

É bem provável que para se compreender a Filosofia de Spinoza e os conceitos de desejo e beatitude, seja necessário especificar com precisão o que significa imanência em Spinoza. Já se deixou claro neste artigo de que para

⁴ ESPINOSA. Ibidem, **Ética**. Prop. XXIII.

⁵ ESPINOSA. Ibidem, **Ética**. Prop. XIII, escólio.

Spinoza existe um “*mundo*” no qual Deus é imanente, não estando fora, não sendo uma entidade exterior que se coloca separada do real, ou seja, o Deus spinozista não é uma entidade transcendente. Na concepção spinozista as concepções de espaço e tempo não são entidades transcendentais, não são condições a priori da existência que determinariam qualquer experiência empírica na realidade.

Assim, o primeiro pressuposto para se entender o que significa imanência para Spinoza é conceber imanência e a noção de causa como coisas que estão juntas, interligadas e sendo assim inseparáveis. Desta forma, é preciso retomar a concepção aristotélica de que o conceito de causa se expressa de quatro maneiras: a) material; b) formal; c) eficiente d) final. A primeira observação a realizar é que as duas primeiras concepções de causa para Aristóteles difere da concepção de causa para a modernidade. Na modernidade a causa é sempre vista como um fundamento último de um efeito, sendo uma relação entre eventos e ações, entre fatos geradores e seus respectivos efeitos.

Diferentemente, Aristóteles concebe a causa com aquela coisa que esta em relação com outra coisa, sendo elementos que são co-partícipes em suas origens e formações, não há linearidade entre os elementos que estão em jogo, é o que Aristóteles denomina de causa material e formal. A matéria é aquilo em que a coisa é feita e por sua vez, seu padrão e sua forma, está em relação com a outra, nas palavras de Aristóteles o comprimento proporcional da corda de um determinado instrumento musical é a causa de uma ser a oitava da outra.

É bem provável que a terceira concepção aristotélica é que crie condições para entendermos melhor o que os modernos concebem como causa. A causa eficiente ou motriz, para Aristóteles, é sempre aquela causa que provoca uma mudança ou transformação, que acaba com o repouso e coloca algo em movimento, como por exemplo, um filho que nasce, a decisão de uma pessoa ou de um povo, ou seja, é algo que possui um sentido, inicia-se um processo de linearidade. Por fim, a causal final nos remete a justificação de alguma coisa, por exemplo, por que tenho saúde? Justifico: devido ao exercício físico e a boa alimentação, sendo a saúde a causa, o motivo,

sendo o fim último, o objetivo final, o que justifica o fazer, é a explicação que damos para justificar a boa condição física e a boa saúde que temos, existindo por portanto, uma teleologia. Esta forma de pensar é o que direciona muitos físicos e biólogos, desde Darwin e Newton e que prevaleceu em detrimento das outras causas que uma coisa possa ter.

Diferentemente dos modernos, Spinoza assume estas quatro causas em sua concepção de substância única e imanente do universo, sejam as causas internas, como a material e a formal, sejam as externas como a eficiente ou motriz e a final, tudo se dá na imanência do mundo, não existindo separação, não existindo transitividade, tudo permanece como está. Para isto é necessário compreender que a concepção de imanência se opõe a ideia de transitividade, no entanto, não se opõe a ideia de transcendentalidade (transcendental), que difere do conceito de transcendente. É possível que a concepção de transcendência teve seu início no pensamento platônico e na distinção entre o mundo inteligível e sensível, que nos coloca diante da noção de transposição, ir para além de uma realidade ordinária, um plano superior. Por outro lado, a imanência consistiria exatamente na posição contrária, tudo está no mundo, tudo se remete a sensibilidade, assumindo a qualidade própria das coisas e dos seres. Mas o termo transcendental tem um sentido muito mais interessante, sempre utilizado no plural, transcendentais. O que significa este conceito de transcendentalidade? Transcendentais é aquela qualidade que pode ser afirmada a qualquer coisa e que está em uma relação de independência quanto a sua origem.

Os transcendentais possuem a característica de generalidade e universalidade, estão para além das 10 categorias aristotélicas, mas, não são transcendentais. É um conjunto de atributos, que co-participam em diferentes graus e hierarquizações. Tendo como exemplo, os atributos de beleza, bondade e verdade, todas as coisas em algum grau participam destes atributos, e tudo se dá na imanência do mundo, do real, não havendo nenhuma forma de transcendência, mas de transcendentalidade. Este conceito é que deu origem ao pensamento kantiano. Nesta concepção, o mundo é achatado, um plano fixo, geométrico, não havendo

propósitos, objetivos, ou finalidades, existe apenas o aqui e o agora, estamos entregues as contingências do mundo, que por mais paradoxal que possa parecer, todas as contingências são extremamente necessárias.

2.1 O CONTRAPONTO EM ARISTÓTELES E ESCOLÁSTICA MEDIEVAL

Dentro deste raciocínio Hegel está, em sua Ciência da Lógica, especificamente na Dialética das Modalidades, mais perto de Aristóteles e da transcendentalidade do que da escolástica medieval e do transcendente. Em Aristóteles, todos os binômios como ato e potência, substância e acidente, necessidade e possibilidade são sempre opostos que se constituem mutuamente. Um dos pólos constitui o outro, e vice-versa, de maneira que jamais um pólo possa existir ou ser pensado isoladamente. Assim o ato é determinado e delimitado pela potência correspondente; a potência é atualizada pelo ato, sem o qual ela não existe no mundo dos fatos reais. A substância é sempre pensada como o substrato, no qual os acidentes estão ínsitos; os acidentes como que repousam e se apóiam sobre a substância. A necessidade sempre se determina por sua oposição à possibilidade e à contingência (acidentalidade). Percebe-se claramente que os binômios são sempre pensados por Aristóteles como dois pólos que se constituem mutuamente, de sorte que nunca um deles pode existir ou ser pensado sem o outro. Pois, um determina o outro; em ambas as direções da relação.

Hegel não está muito longe desta concepção estritamente relacional. Cada um dos opostos é sempre determinado pelo outro. Um não pode existir sem o outro. Por isso, o absoluto em Hegel é, ao mesmo tempo, substância e modo (acidente), necessidade e contingência. Cada um dos pólos determina o outro. Por isso nenhum deles pode existir ou ser pensado sozinho. Na escolástica medieval encontramos uma concepção completamente diferente. Embora eles assumam de Aristóteles os binômios de ato de potência, substância e acidente, pensam – na opinião de Hegel, erroneamente – que o ato pode existir sem potência como ato puro, a substância pode existir sem acidentes, como a substância simples de Deus. O absoluto é pensado como ato sem potência nenhuma, como substância sem nenhum acidente. Isso porque eles pensam que

potência e acidente significam sempre uma imperfeição. Ora, o absoluto como ser perfeitíssimo, não pode ter nenhuma imperfeição. Por isso o Deus escolástico é ato puro e substância simples.

A posição do pensamento escolástico parece, entretanto, conter uma contradição. Pois, como eles mesmos ensinam, existe um mundo contingente que foi criado por um ato livre de Deus. Entretanto, este ato livre mediante o qual Deus decide criar o mundo, ao invés de não criá-lo, é um ato de decisão que é interno a Deus e se identifica com substância divina que é necessária. Como em Deus não há acidentes nem potência, o ato pelo qual Deus decide criar o mundo é tão necessário quanto sua essência ou substância. Assim sendo, este ato não é uma decisão livre, mas uma necessidade lógica e ontológica. O ato livre de decisão pressupõe sempre que ele possa decidir assim ou diferentemente; exatamente isso é a contingência. Ora, como o ato de criar o mundo é idêntico à substância necessária de Deus, ele não é livre e, por consequência, o mundo é necessário.

3. O DESEJO E A BEATITUDE

A partir deste cenário é necessário refletir dois conceitos importantíssimos para a filosofia spinozista, são eles: desejo e beatitude. Mas o que é desejo para Spinoza? O que é beatitude? Como se dá transição de um estado para o outro? É o que se pretende esclarecer. Para compreender o que significa desejo na concepção spinozista é necessário analisar o que significa *Conatus*. Etimologicamente a palavra *Conatus* significa esforço da nossa essência para perseverar na nossa existência, uma força interna positiva, afirmativa, ilimitada, nas palavras de Spinoza: “*Toda coisa, enquanto está em si, se esforça por perseverar no seu ser*”.⁶

Este conceito é analisado por Espinosa na parte III de sua *Ética*, onde o mesmo trata da problemática que envolve os afetos. O filósofo holandês descreve as ações e apetites humanos, bem como expõe as diversas questões que envolvem a passividade e a atividades da mente e do corpo, sendo nas palavras aquilo que há de mais essencial em cada ser, são potências, existindo várias formas de sua efetivação. O

⁶ ESPINOSA. *Ibidem*, **Ética III**. Prop. VI.

Conatus em Spinoza pode ser compreendido como sendo aquele que se esforça para se expandir, que busca aprimoramento, perfeição, um constante esforço para aumentar a sua potência. E a partir deste raciocínio que nasce dois importantes conceitos: tristeza e alegria. É necessário descobrir como o nosso *Conatus* pode ser um esforço constante na direção da excelência, da busca pela perfeição, sendo cada vez mais alegres. Sendo assim, para que isto ocorra é necessário buscar sempre aquilo que nos é útil. Para Spinoza o bom é sempre aquilo que nos é útil, e o mau sempre o obstáculo que impede a realização ou o desfrute de algo que consideramos bom. Conclui-se deste fato, que o bom é sempre aquilo que é direcionado pelo Desejo, ou melhor, que é capaz de aumentar nossas potencialidades, que nos tirará da tristeza e trará alegria, enfim a beatitude. No entanto, cabe lembrar, que para Spinoza o nosso *Conatus* deve estar sempre a serviço da razão para que seja bem sucedido, caso contrário as nossas paixões nos submeterão a inconstância. O nosso desejo deve estar submetido a nossa razão, ou melhor, é preciso pensar adequadamente, somente desta forma seremos cada vez mais ativos, causa adequada de nossas decisões, não estando submetidos a ações exteriores, atos livres, auto-determinados:

Em outros termos, um desejo só se encontra em nossa alma ao mesmo tempo que a idéia da coisa desejada. Na paixão, a coisa desejada surge na imagem de um fim externo; na ação, como idéia posta internamente por nosso próprio ato de desejar e, portanto, como algo de que nos reconhecemos como causa, interpretando o que se passa em nós mesmos e do desejado. E é no interior do próprio desejo que esse desenvolvimento intelectual acontece⁷

É importante aqui delimitar nossa linha de interpretação. Para Spinoza o *Conatus* é um esforço que por um lado pode se apresentar como auto-preservação, por outro lado de expansão e aprimoramento. Esta passagem de um estado para outro tem um elemento essencial: Desejo. Este esforço, traduzido pelo ato de desejar, pela busca da perfeição e da excelência, consiste em

uma ética da virtude, no próprio exercício da liberdade. Para que haja a conciliação entre a preservação e aprimoramento de um Ser, é preciso lembrar que para Spinoza a potência de Deus é a própria essência de Deus, estando diretamente ligado aos seus modos, sendo sempre um Deus que causa, a potência de cada Ser é na verdade a manifestação da potência divina, que no exercício constante de sua manifestação demonstra a sua auto-suficiência, sendo causa de si mesmo, existindo uma interdependência entre a essência ou potência com os diversos modos finitos, que se apresentam como essências individuais. Existe no pensamento espinosista uma ruptura com a tradição, quando o mesmo afirma que não se pode falar de essência universal, mas somente de essências singulares.

Conclui-se desta maneira que o *Conatus* pode ser definido como uma essência atual, que possui uma dimensão física e metafísica. Não se esquecendo de que tudo se dá na imanência, o Ser está sempre concorrendo com forças necessárias (autopreservação) e contingentes (expansão) dependendo do indivíduo manter a proporção entre estas forças concorrentes. Para Deleuze, as essências singulares de Spinoza são graus de potência e podem ser afetados por outros entes singulares. Este poder de afetar tem uma íntima relação com a proporção entre as várias forças que concorrem entre si, sendo este o que permanece constante. Por sua vez o que varia são os afetos passivos e ativos, tristeza e alegria e esta transição se dá através do ato de desejar. No entanto somente os afetos ativos, são aqueles submetidos à razão, e somente estes se dão de forma adequada. E neste momento que se compreende o conceito de indivíduo para Spinoza. O indivíduo somente se constitui como indivíduo e se autoconserva como indivíduo, quando conserva sua atividade, constituindo a sua individualidade, sempre se esforçando para aumentar sua potência, ou seja, sua atividade. Em todo este processo o Desejo possui um papel central na filosofia de Spinoza, pois é na transformação do Desejo que o Ser se afirma como indivíduo, transitando da auto-conservação para o aprimoramento, perfeição, excelência, ou ainda, da tristeza para alegria, do passivo para o ativo, enfim, atingindo a beatitude: “*Todos os demais apetites e afetos são derivados ou variantes*

⁷ Chauí, Marilena. **Espinoza: uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna. São Paulo, 1995, p. 69.

dos três originários: desejo, alegria e tristeza”⁸ ou ainda,

No corpo o Conatus se chama apetite; na alma desejo. Eis porque Espinosa afirma que a essência do homem é desejo, consciência do que, no corpo, se chama apetite. Assim, dizer que somos apetite corporal e desejo psíquico é dizer que as afecções do corpo são afetos da alma. Em outras palavras as afecções do corpo são imagens que, na alma, se realizam como idéias afetivas ou sentimentos. Assim, a relação originária da alma como o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva⁹

Sendo assim, partindo de uma interpretação de Deleuze, as paixões alegres não nascem da razão, todavia estão para a razão, o que tornam as alegrias passivas capazes de formarem ideias adequadas, sendo que com esta atividade ocorre o aumento de sua potência, decisivo para a formação da autonomia, que é uma alegria ativa.

CONCLUSÃO

Este artigo analisou os conceitos de desejo e beatitude em Spinoza. Foi necessário executar um breve histórico de alguns pensadores que nos ajudaram a compreender a Filosofia de Spinoza. É desta maneira que analisamos e diferenciamos os conceitos de transcendentalidade e transcendente e que nos ajudou a entender a problemática que envolve o conceito de imanência. Por isso, foi possível entender as diferenças e semelhanças entre os transcendentais e o conceito de transcendência, dando uma nova interpretação aos atributos de beleza, bondade e verdade, que na escolástica foram compreendidos como vindos de um Deus único, um ato puro. Por fim este artigo analisou o conceito de *Conatus* em Spinoza, que significa nesta análise aquilo que pode se expandir e que constrói a individualidade através de uma posição ativa diante do real, tendo como motor deste processo o desejo, contendo em si uma força que para se autopreservar realiza por assim dizer uma ação, atingindo a beatitude.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, M. de S. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.
- _____. **Política em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DESCARTES, R. **Princípios da Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- DELBOS, V. **O Espinosismo**. *Curso proferido na Sorbonne em 1912-1913*. São Paulo: Discurso, 2002.
- GLEIZER, M. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LÉVY, L. **O autômato espiritual – a subjetividade moderna segundo a Ética de Espinosa**. Porto Alegre: LPM, 1998.
- SPINOZA, B. **Oeuvres complètes**. (Trad. diversos). Paris: Gallimard, 1954.
- _____. **Ética**. (cf. tradução em **Os Pensadores**. (Org. M. CHAUÍ, trad. diversos). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. **Correspondência**. *In Os Pensadores: Spinoza*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- _____. **Ética**. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.
- _____. **Tratado Teológico-Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Pensamentos Metafísicos – in Os Pensadores: Spinoza**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.



⁸ Chauí, Marilena. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna. São Paulo, 1995, p. 65.

⁹ Chauí, Marilena. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna. São Paulo, 1995, p. 64.